



FUNDAÇÃO  
DO PATRIMÔNIO  
HISTÓRICO E  
CULTURAL  
DE ÉVORA

EVOLUÇÃO HISTÓRICO—URBANA  
DO PELOURINHO

CTL-87  
ex.1  
1280

FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA  
COORDENAÇÃO DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS SOCIAIS  
SETOR DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS SOCIAIS

PROJETO DE PESQUISA SOBRE  
EVOLUÇÃO HISTÓRICO-URBANA DO PELOURINHO

SALVADOR - BAHIA

1977



ROBERTO FIGUEIRA SANTOS  
Governador do Estado da Bahia

CARLOS CORREA DE MENEZES SANT'ANNA  
Secretário de Educação e Cultura

MÁRIO MENDONÇA DE OLIVEIRA  
Diretor Executivo da  
Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

JEFERSON AFONSO BACELLAR  
Coordenador de Planejamento e Pesquisas Sociais

VICENTE DEOCLECIANO MOREIRA  
Chefe do Setor de Planejamento e Pesquisas Sociais

BAHIA. Secretaria da Educação e Cultura.  
Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural.

Projeto de Pesquisa sobre evolução histórico  
-urbana do Pelourinho. Salvador, 1977.

p.

Bibliografia

1. Bahia - história      2. Pelourinho - evolução  
-urbana.      I Título.

CTL- 87

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
1280	13/10/92	
N.º Reg.	Data	

PROJETO DE ESTUDO DA  
EVOLUÇÃO HISTÓRICO-URBANA DO PELOURINHO

1. Introdução
  - 1.1. Objetivos
  - 1.2. Tema - Sinopse histórica da cidade
  
2. Análise preliminar: A pesquisa e seus problemas  
Hipóteses de trabalho
  
3. Delimitação do universo da pesquisa  
O tempo, o espaço e as fontes
  
4. Procedimento metodológico  
Anexos  
Bibliografia
  
5. Cronograma de trabalho  
Quadros de Despesas
  
6. Parecer sobre a viabilidade

EQUIPE TÉCNICA

TÉCNICOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA:

Maria Conceição Barbosa de Souza  
Cândido da Costa e Silva

AUXILIARES TÉCNICOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA:

Edvalter Santos Lima  
Lygia Maria Alcântara Wanderley  
Sueli Nogueira do Bonfim

DATILÓGRAFA

Maria Auxiliadora Costa Lopes

## OBJETIVOS

1. Estabelecer o processo histórico da ocupação espacial do Pelourinho, o seu significado e função dentro da expansão histórica de Salvador, isto é, estudá-lo no contexto da cidade através dos diversos grupos que o habitaram e lhe deram vida, sedimentada internamente em seus imóveis pelo sistema de ocupação e exteriormente nas diretrizes arquitetônicas e urbanísticas decorrentes da iniciativa particular e da política administrativa que vieram a configurar a sua panorâmica.
2. Contribuir na elaboração de diretrizes para uma política normativa que venha a preservar e corrigir a estrutura urbana do Pelourinho, a fim de evitar a sua destruição física e estagnação funcional.

Desta formulação concisa de objetivos, facilmente se depreende aspectos ponderáveis em sua apreciação.

A organização sistemática e exaustiva de dados indispensáveis ao conhecimento histórico do sítio, permitirá a consulta direta e constante por todos quantos se aplicam de um modo ou de outro às intervenções programadas objetivando a adequada conservação e conveniente utilização da área. A inexistência deste acervo ou concorre, por certo, para possíveis distorções e improvisações na condução dos trabalhos, ou acarreta perda de tempo considerável quando a urgência da pesquisa é requerida pelo imediatismo de cada situação.

Doutra parte, parece que o fluxo turístico tem sido o aferidor dos investimentos, o catalizador do interesse político-administrativo, o responsável pela "descoberta"

do Pelourinho. Este fluxo não pode ser suficientemente a limentado, sem uma informação crítica crescente, capaz de atrair e acompanhar o visitante mais exigente e mais lúcido.

T E M A

Os primeiros núcleos urbanos estabelecidos nos primórdios da colonização brasileira, localizavam-se no litoral devido a objetivos econômicos, militares e administrativos.

A escolha dos "sítios" para construção das primeiras cidades incidiu sempre nos locais mais elevados, por facilitar o sistema de defesa, além de fatores climáticos e geológicos.

Dentro desse esquema defensivo, foi que, por determinação real, Tomé de Souza, na posição de 1º governador do Brasil desembarca na vila fundada pelo ex-donatário Pereira Coutinho buscando um local adequado para a fundação da cidade do Salvador. Para tanto, foi escolhida - dizem que por indicação de Caramuru - o cume de uma colina situada ao norte da vila do Pereira e aí assentada a máquina administrativa. Depois de feito isso, o mestre Luiz Dias, responsável pela orientação dos trabalhos, desceu à planície junto ao mar e aí escolheu o local para que, mais tarde, se assentasse a alfândega e seus armazens.

Diz Theodoro Sampaio que "era de si mesmo muito acanhada no seu âmbito fortificado a cidade primitiva".<sup>1</sup> Seus limites originais compreendiam: ao norte a atual Praça Municipal e ao sul a Praça Castro Alves, somando um total de 140 X 106 braças portuguesa. Em âmbito tão restrito, cercada por uma muralha de taipa, se abriam quatro portas ladeada por baluartes. Eram elas: a porta norte, na rua da Misericórdia, a sul denominada de Sta. Luzia, uma outra voltada para o interior e outra para banda do mar na altura da atual ladeira do Pau da Bandeira.



Com a introdução da cultura da cana-de-açúcar, a cidade do Salvador ganha uma nova função: a de cidade-porto, pelo movimento exportador de açúcar e importador de escravos, mão-de-obra indispensável para a lavoura açucareira.

"Então Salvador vê ajuntar-se à sua primitiva função administrativa e militar um papel de metrópole regional. Poderíamos dizer que nesse momento começa a ter um papel verdadeiramente urbano. É a capital econômica do Recôncavo" <sup>2</sup>, diz Milton Santos, enfatizando a importância que foi para a cidade a sua nova função.

O alargamento dos limites iniciais era uma imposição que se fazia sentir e, de certo modo foram os jesuítas, com a construção do seu colégio "extra-muros", os responsáveis pela dilatação do limite norte. Ao findar o século XVI, o Terreiro de Jesus já ocupava o centro da cidade com um considerável número de construção, incluindo, entre elas, a igreja e o primeiro convento dos frades franciscanos.

As ruas, como descreve-as Gabriel Soares <sup>3</sup>, eram estreitas, exceção feita a que levava ao Cruzeiro de São Francisco. A rua, nesse período, não era um local de permanência mas, um elo de ligação dos domicílios, aos pontos de convergência da população. Esse quadro só vai mudar, quando passa a existir uma atividade comercial mais intensa. A rua central da cidade do Salvador abrigará os principais edifícios públicos e particulares e as casas comerciais, que na época compreendiam as tendas de artesanato e lojas de mercadores.

Os terreiros ou praça eram usados também para festas profanas e especialmente para as procissões frequentemente realizadas, algumas estabelecidas pela Câmara. Geralmente sem calçamento, e com grandes problemas de ordem sanitária, em fins do século XVII as ruas centrais de

Salvador já apresentam um quadro diferente graças a atitudes tomadas pela Câmara, aplicando penalidade por sobre os moradores que desrespeitassem as ordens municipais.

O nivelamento dessas ruas era precário. A Câmara, pelas Posturas Municipais, estabelecia a largura das mesmas, o que era variável de artéria para artéria. O traço do original da cidade, era sempre conservado devido ao seu alinhamento regular. Em geral não possuíam calçamento e a construção de passeios só mais tarde foi introduzida nas vias mais movimentadas como os terreiros, as laadeiras e as entradas da cidade ou sejam as Portas do Carmo e a de São Bento.

A união Igreja - Estado vai estabelecer a divisão oficial em freguezias que mais tarde darão lugar aos bairros. A mais antiga freguezia, a do Salvador da Sé, abrangia os limites da primitiva cidade. Só em 1643 é que vai ser criada a freguesia de Santo Antonio Além do Carmo, em terras que foram doadas por Cristovão de Aguiar Daltro e onde foi construída a capelinha em louvor a Santo Antonio.

As primeiras construções apresentavam-se muito simples e até mesmo pouco duráveis. Depois é que começou a se empregar materiais mais resistentes, como a pedra e a cal. As construções de caráter público foram gradativamente substituídas por edificações mais suntuosas, como foi o caso da reforma realizada em 1660 na Casa da Câmara. Semelhante fenômeno se processou nas construções religiosas, que aumentaram de número na segunda metade do século XVII com a instalação aqui de diversas ordens religiosas. Essas ordens possuíam além do seu convento uma igreja, oficinas, hortas e anexo uma capela de irmãos terceiros, em geral, de proporções grandiosas.

Dos primitivos muros pouco restava a não ser a parte do sul. Em fins do século XVI, a cidade já atingia do

lado do norte ao atual Largo do Pelourinho enquanto que ao sul estagnara seu crescimento. Toda ela gravitava em torno de uma única freguesia - a da Sê. A principal rua nesse período cortava a cidade de ponta a ponta. Começava no Largo do Pelourinho, atingia o Terreiro pelas Portas do Carmo, atual Alfredo Brito daí à praça do Palácio até a porta sul. Transversais a esta corriam algumas ruas.

O lado norte era fechado pelo Castelo das Portas do Carmo e o sistema defensivo era complementado por dois baluartes situados próximo à rua do Maciel de Baixo, outro no beco do Ferrão.

Nas proximidades da Ladeira de São Miguel " havia nos muros uma solução de continuidade, como que deixando uma passagem, prosseguindo dahi em cortina até o flanco do baluarte sito no extremo da rua das Laranjeiras, o qual se estendia a abranger o convento de S. Francisco até alcançar o outro flanco em frente a actual rua do Bispo" <sup>4</sup>.

Na opinião do Prof. Luiz Monteiro esses baluartes foram elevados pelos holandeses e aparecem batizados num documento de 1660 encontrado na revista do Instituto Geográfico e Histórico.

Complementando a defesa da cidade do lado do norte no século XVII, para massacrar o invasor holandês foi construído um reduto que mais tarde dará origem ao forte de Santo Antonio Além do Carmo.

Quanto as construções de caráter particular, grande parte delas eram residência dos proprietários rurais que, geralmente, permaneciam fechadas em determinados períodos do ano. Os mais abastados preferiam fazer suas casas à maneira de chácara, na periferia da cidade. A camada fixa da população era constituída de funcionários públicos, comerciantes, artesões, etc. Esses últimos, muitas

vezes habitavam no mesmo local em que trabalhavam, ocupando as construções assobradadas, imitando os similares portugueses, com seus vastos quintais. As plantas desses imóveis, diz Nestor Goulart, "até onde podemos conhecê-los confirmam, grosso modo, as tendências que já tem sido apontadas em relação às plantas das residências do século XVIII" <sup>5</sup>.

Com relação à zona norte da cidade é findando o século XVII e iniciando o século XVIII, que se verifica um impulso nas construções de caráter residencial e religioso, fato esse que pode ser notado em outras áreas da cidade e que R. Smith <sup>6</sup> justifica como decorrência do declínio econômico de Portugal no Oriente.

Nesse período "efetivam-se no Pelourinho o maior número de suas construções cristalizando-se a forma e configuração do importante conjunto colonial" <sup>7</sup>. Realmente, podemos enumerar alguns grandes edifícios que surgiram nesse período como Solar Ferrão, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, igreja do Passo, a casa das 7 mortes etc.

Com a construção da igreja dos pretos junto as Portas do Carmo, a ladeira passa a ser conhecida como "Ladeira de Nossa Senhora do Rosário" o mesmo acontecendo com a rua que saindo do Terreiro, em frente à igreja de São Domingos vem atingir a ladeira, passa a ser conhecida como Maciel devido a presença da família Maciel e seu vistoso sobrado mais tarde denominado Ferrão adotando o nome de um outro seu proprietário. Isso era muito comum nessa época, ligar o imóvel a seu dono ou a algum fato aí ocorrido, e que normalmente se estendia a toda a artéria onde estaria situado o sobrado.

O século passado presenciou ainda a permanência de uma camada de classe média alta, na zona do Pelourinho habitando os amplos sobrados, conservando a ambiência

"aristocrática" do período anterior. Porém, com a transformação urbanística que vinha sendo alvo a cidade do Salvador, na segunda metade do século, onde a abertura de várias áreas residenciais "nas bandas do sul" fizeram com que gradativamente a zona norte modificasse a estrutura habitacional que até então vinha mantendo. Primeiramente, se poderia sentir a mudança do elemento humano, mudança essa que anos mais tarde, vai se refletir nos imóveis que passaram a demonstrar sinais de desgaste, em suas fachadas e em seu interior. Passaram a ser habitados por elementos ligados ao pequeno comércio, imigrantes e grupos de baixa renda, que os compravam ou arrendavam, por preço baixo, devido a desvalorização por que vinha passando a área.

"As mudanças verificadas dos fins do século passado até o século presente redefiniram o status social desse conjunto arquitetônico, transformando-o de bairro nobre, em zona congestionada, em que as deficiências estruturais, para atender a esta situação, conduziram à formação de um ambiente de doenças, misérias e crimes" <sup>8</sup>.

O arruinamento da área, a sublocação dos sobrados tornou-se ponto de atração para os prostíbulos, moradia de biscateiros, desempregados. O mesmo não aconteceu na região do Carmo e Santo Antonio. Na rua direita de Santo Antonio, via de acesso do norte até o Terreiro de Jesus, sempre predominou as casas térreas e sobrados pouco elevados, é uma zona predominantemente residencial, hoje, já apresentando um movimento comercial intenso de produtos artesanais, fruto das atividades orientadas para o turismo comprometendo a ambiência do bairro. As velhas casas sendo reformadas em estilo moderno e os poucos sobrados que restam transformam-se em pensionatos e casas de cômodo.

Hoje, se tenta uma reorientação da política habitacional, tentando manter a harmonia do conjunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SAMPAIO, Theodoro. História da fundação da cidade do Salvador. Bahia, Tipografia Beneditina, 1949, p. 183.
2. SANTOS, Milton. O centro da cidade do Salvador; estudo de geografia urbana. Salvador, Progresso, 1959, p. 37.
3. SOUZA, Gabriel Soares de. Notícia do Brasil. S. Paulo, MEC, 1974.
4. SAMPAIO, Theodoro. Op. cit. p. 293.
5. REIS FILHO, Nestor Goulart. Evolução urbana do Brasil. S. Paulo, Pioneira, 1968, p. 156.
6. SMITH, Robert. Arquitetura Colonial. Salvador, Progresso, 1955, p. 17/18.
7. BAHIA, Secretaria de Educação e Cultura. Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural. Nota Metodológica sobre a História Social do Pelourinho. In.: Documentos; por Jeferson Afonso Bacellar. Salvador, 1974, 3/2. Colaboração ao I Seminário de Estudo sobre o Nordeste.
8. ESPINHEIRA, C. Geraldo D'Andrea. Comunidade do Maciel. Salvador, FPACBa./SEC, 1971, p. 10

## 2. ANÁLISE PRELIMINAR

A pesquisa e seus problemas. Hipóteses de trabalho

"La ciudad, en cierto modo como a la persona humana, le acontece que siempre es la misma y nunca es lo mismo. Cuando una ciudad ha perdido su propia mismidad, cuando en un cierto estado se ha desvanecido toda referencia a su pasado, es que esta ciudad ha muerto y ha dado paso a otra diferente".

Fernando Chueca Goitia

O Pelourinho numa perspectiva histórico-evolutiva não pode ser compreendido quer em sua dimensão espacial, quer em sua realidade sócio-econômica, a não ser através das articulações e relações mantidas com a cidade no seu todo. Isto implica necessariamente em elaborar a sua história restrita por sobre a história ampla de Salvador, subentendida, pressuposta. O tratamento dispensado ao seu estudo particular há de se prover dos dados ou se res sentir das lacunas que num ou noutro caso venham a se evidenciar nos estudos concernentes ao conjunto como urbs e civitas. É sem dúvida na morfologia das cidades que a vida coletiva se revela melhor. O que se explica principalmente pelo seu caráter "utilitário", ou seja, pelo fato de se destinar a cumprir funções vitais num crescendo das mais elementares às mais complexas. A cidade corresponde aquilo que os homens fazem, aos conteúdos reais de suas vidas e assim ela também vai se fazendo através de um trabalho longo que a torna de algum modo sempre antiga e nova - "la ciudad, como la realidad histórica no es nunca independente de las etapas por las que pasó en su evolución; es actualización de ellas y su proyección

hacia el provenir".<sup>1</sup> Nesta formação e conformação paulatina que a cidade vive no curso da história, ela se torna um conglomerado em que coexistem velhas estruturas e antigas formas de vida ao lado de novas decorrentes do capitalismo e da técnica. Por isso para a compreensão de sua realidade é preciso se ter em conta que muito mais do que ligado à história, ela mesma é história, consoante a observação judiciosa de Goitia: "La ciudad, en última y radical instancia, es un ser histórico...no es sólo estructura ni sólo espíritu sino una realidad que abraza ambos componentes, su ser físico y su ser moral conjugados en una realidad superior: su ser histórico".<sup>2</sup> Resulta do fato, o caráter fragmentario e inacabado que a cidade manifestará sempre. Sua forma definitiva e completa é apenas um anseio constante. De certa maneira é esteticamente uma frustração e socialmente uma soma de contrastes. É um fenômeno artístico enquanto se torna expressão em cada momento de uma realidade social. Por isso importa interpretar a cidade em seu conjunto, o que equivale por outro lado a não separar através de um critério puramente artístico o estudo das estruturas materiais que compõem a sua fisionomia e que tem sido responsável pelo artificialismo em destacar os edifícios-monumentos ou áreas antigas menos descaracterizadas, da grande massa de edificação circundante que permanece esquecida, como se fosse algo inerte, carente de expressão. Ainda aqui Goitia situa muito bem o problema: "Falta de expresión artística, tal vez, pero en ningún caso de expresión histórica... De las ciudades se vera hasta hace pouco los monumentos señeros y venerables, las cumbres de la orografía urbana, las catedrales, los palacios, los monumentos conmemorativos. Esto correspondia perfectamente com una idea de la historia como contienda y faena de unas grandes personalidades dominantes, que decidían entre sí el destino humano.

Pero ya la mentalidad actual no se satisface con



visión tan simplista, y al tratar de discernir las características de una civilización, no podemos confinar nuestra atención al estudio de los poderosos. Debemos conocer la situación del pueblo, sus formas de vida y sus creencias, la índole de las instituciones creadas por la sociedad, el desarrollo de la cultura y el sentido de la misma, es decir, el panorama completo de la vida y no las cimas que sobresalen".<sup>3</sup>

No cerne deste contexto reside um dado para cuja convergência explicativa não são unânimes os que se aplicam a estudar a cidade: - ó que vem a ser uma cidade? Os seus elementos estruturais numa perspectiva urbanística podem estar na casa, na rua, na praça, nos edifícios públicos e nos limites definidores do seu espaço, como pensam alguns especialistas. Entre os analistas sociais não existe acordo quanto às características fundamentais da cidade e quais os seus aspectos secundários. Sob uma ótica "ecológica" a cidade se equaciona basicamente na grande concentração demográfica em espaço relativamente pequeno. O estudo nesse caso recairá no impacto de tamanho e densidade sobre a organização social. No caso porém da organização social ser o ponto de referência básica, os padrões de comportamento e não o espaço ocupado pela população citadina terão prioridade e neles consistiria a sua realidade última. Não se excluem, antes interagem a grande unidade populacional e certo conjunto de padrões de comportamento. Apenas uma questão de ênfase que no primeiro caso verá as mudanças de organização social como resultante das alterações espaciais, e no segundo enxergará estas alterações como sendo provocadas pelas mudanças. Seja como for, podemos aceitar a conceituação de Louis Wirth, que integra estes dois aspectos e propõe um terceiro. A cidade para ele, "é um aglomerado permanente, relativamente grande e denso, de indivíduos socialmente heterogêneos".<sup>4</sup> Não podemos perder de vista estes três elementos: tamanho, a densidade e a heterogenidade. Aqui

se impõe uma ressalva. Quando nos detemos a estudar Salvador num prisma histórico, importa considerar de logo as peculiaridades de sua gênese. Foi cidade por decisão exógena e não por desdobramento endógeno. Principalmente foi um suporte funcional para o sistema judiciário, administrativo, religioso e de defesa que requeria uma base urbana. Deste modo a sua estrutura política precedeu a estrutura econômica. As formas de produção determinam a sua heterogeneidade, enquanto a sua densidade só há de transparecer indiretamente através do tempo e do índice de prosperidade. Em sua história quadricentenária podemos afirmar que é de ontem, da segunda metade do século XIX, os núcleos embrionários de sua atividade industrial no sentido amplo do termo. Foi por larga escala de sua vida uma cidade pré-industrial de caráter predominantemente administrativo e cultural como a concebeu e implantou o governo da colônia, mesmo que se não descure a sua condição portuária. Concentrou sempre em seu meio um contingente populacional significativo e aplicado em atividades não agrícolas através do controle efetiva e oligárquico do poder político, educacional e religioso. Uma cidade de consumo e não de produção. Sobreviveu e conservou a sua identidade incorporando as condições apontadas por Parsons como indispensáveis. São elas a adaptação, a consecução dos objetivos, a manutenção dos padrões e a integração. No que respeita à adaptação, se evidencia nas medidas protetoras contra os efeitos negativos do seu meio físico e dos grupos hostis, representadas pela alimentação, o abrigo, o controle da doença e a defesa. É a manipulação do meio ambiente em benefício do grupo e a formação de alianças com os autóctones, recrutando os seus serviços. A consecução dos objetivos se perfaz através dos esforços do grupo em fixar metas desejáveis e planejar os meios de atingi-los, quer compartilhando poder, tarefas e recompensas - distribuindo papéis -, quer coordenando os respectivos desempenhos, quer tornando-as aceitáveis pela comunidade, o que vale dizer, apresentando

justificativas capazes de consagrar as desigualdades decorrentes. Quanto a manutenção de padrões, equivale à preservação das tradições frente aos impulsos de mudança, a manter sob controle os atritos resultantes dos choques entre os interesses coletivos e os indivíduos ou mesmo entre grupos, a manutenção da ordem e da rotina, preparo e treinamento das novas gerações.

Por fim a integração que vem a ser o desenvolvimento de um elevado moral dentro da cidade, capaz de motivar a lealdade dos habitantes representada por seus grupos constituídos, suas instituições políticas, suas práticas religiosas, fomentando a cooperação entre todos.

Como o mais importante trabalho de produção aqui implantado consistiu na atividade agrícola complementada na pecuária, é óbvio que o desenvolvimento da cidade esteja dependente dos seus índices produtivos. Sem a percepção nítida das relações entre a cidade e o sistema de utilização das terras circunvizinhas, não podemos aferir o papel da nobreza rural na organização da comuna. Quanto maior este papel tanto mais fortes os laços entre a cidade e os territórios circundantes<sup>5</sup>. Ora, será precisamente a produção agrícola que permitirá eximir alguns segmentos da população para o modo permanente e aplicarem às tarefas urbanas, como comerciantes, artesãos, burocratas, etc., que diretamente não contribuem para ela mas oferecem em troca outras mercadorias ou serviços considerados úteis. Uns relacionados com o comércio da produção, outras com a oferta de serviços políticos, educacionais, religiosos e de lazer.

Uma vez distribuída a população na área urbana, importa considerar a força dos vínculos residenciais. Ela depende do reforço oriundo da mesma ocupação e do baixo nível de mobilidade residencial. A distinção é clara não só entre a praça central, os edifícios religiosos, a área livre para as festas e cerimônias e o resto da cidade,

mas também entre as classes sociais residencialmente segregadas (?). A própria forma da cidade reflete a sua estrutura social. Ela é o órgão da socialização ou da sociabilidade, o elemento aglutinante, o suporte da unidade social. Sua função dentro desta unidade está na dependência de alguns aspectos a serem considerados.

Para Julian Marias o critério social entre grande e pequena cidade é que os seus habitantes sejam conhecidos individualmente entre si ou não. Que a rua seja um mundo conhecido ao menos em larga proporção, em que se sabe quem é cada um. Ainda para ele cabe a sua estrutura interna. Se por acaso se trata de cidade cefálica, constante de uma cabeça em que se condensa a vida e em que sobretudo a cidade inteira se faz presente a si mesma através da praça; como também cidades policéfalas duas, três ou quatro praças em torno das quais a vida se organiza. Às vezes essas praças são simplesmente centros de partes da cidade, com diversidade apenas topográfica; outras vezes implicam numa diferenciação de funções: pode haver um centro da "vida mundana", um centro econômico, um centro político, um centro popular, etc. Em sua organização social, ou seja no modo como estão distribuídas as classes sociais, cabe ainda verificar a existência ou não de bairros ou ruas precisamente definidas: bairro aristocrático, bairro de artesãos, etc., tais como encontramos na antiga toponímica soteropolitana: - "rua dos ourives", "rua dos algibebes", etc.

É precisamente neste contexto de análise urbana que devemos orientar a pesquisa histórica do Pelourinho. A área está delimitada em perspectiva arquitetônica. O fato não implica que dela se tenha uma nítida visão histórico-social dos seus habitantes. A própria divisão zonal norte-sul põe à mostra as dificuldades contrastantes que desorientam à primeira vista e qualquer tentativa em estabelecer os traços fundamentais de sua relativa unidade.

Enquanto a zona norte insinua um enquadramento urbano de bairro, a zona sul sugere muito mais a condição de artéria, de passagem, de adjacência do sítio maior que a envolve. Na organização social da cidade do Salvador, estas duas zonas não parecem merecer o enquadramento típico de bairros nobres ou aristocratas que possam ter sido em suas origens e até um passado não muito distante. Doutra parte não se destacam aglutinados os ofícios artesanais, as atividades do comércio a ponto de se apresentarem como típicos, dominantes ou exclusivos. Deixam entrever, ao contrário, a coexistência, a fusão de várias categorias sociais como o seu elemento marcante. Convivência que por certo só fez se acentuar no século XIX, período provável de fixação dos seus traços mais característicos, em face do fenômeno decorrente da urbanização em ritmo mais rápido. Os seus sobrados passaram a viver um processo de estratificação da moradia ao nível horizontal dos seus pavimentos, tal como observou Julian Marias em Madrid do mesmo período: "No subsolo de um edifício vivia um médico - em favor da clientela para quem era penoso subir escadas -, no principal um aristocrata, no segundo um notário, no terceiro um funcionário, no sótão uma costureira, e nos cômodos interiores um sapateiro e um cordoeiro ou um aguadeiro".<sup>6</sup>

A este aspecto interior de seus sobrados, vem se juntar as suas fachadas. Cabe a apreciação de Goitia: "la ciudad de las fachadas es mucho más urbana, si por tal se entiende una entidad opuesta al campo, que la ciudad de los interiores".<sup>7</sup>

No caso do Pelourinho a pesquisa terá que se preocupar com um e outro aspecto. Tanto o interior, quanto a fachada, manifestam a sua evolução urbana. E a casa, particularmente o sobrado, oferece uma variedade de ângulos merecedores de estudo. Dentro de que perspectiva será analisada? Como domicílio, segundo o modo da família resolver seu problema de moradia? Como local de trabalho

(trabalho - domicílio)? Como mercadoria, investimento de capital, seu papel dentro das fortunas? Como valor estético dentro da evolução arquitetônica? Como indicador social dos seus ocupantes?

É sugestiva a indicação de Gilberto Freire, guardadas as proporções e ressalvas quanto aos seus habitantes: "o sobrado patriarcal marcou no desenvolvimento da paisagem brasileira - da paisagem cultural em relação com a natural - o início do prestígio da rua, da cidade, do exterior. Sobre a rua, primeiro pela rótula, depois pela varanda, o patriarcalismo principiou a olhar o que fosse público e até a debruçar-se sobre esse outro tipo de convivência: a comprar fruta, peixe, carne, ... começando assim, entre nós, povo de formação intensamente patriarcalista, a tendência de socialização e de democratização ampla do sobrado: sua integração no sistema cívico".<sup>8</sup>

A exteriorização da vida caseira através de suas fachadas determinará realmente as medidas de urbanização, quais o alinhamento das casas, a altura das edificações e as variantes de um andar a outro, nivelamento das calçadas, a iluminação, o escoamento de detritos, a limpeza pública, etc. Estas colocações farão o retorno constante e obrigatório do questionamento original: quem faz a cidade e para quem a cidade é feita. Será a partir dessa concepção funcional e não culturalista, que o trabalho deverá se desenvolver. A área histórica construída deverá sempre ser olhada em seu aspecto externo arquitetônico e em sua disposição interna, para que se tenha um quadro da diferenciação social compreensivo dos diversos grupos familiares ou não que aí habitaram.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GOITIA, Fernando C. Breve historia del urbanismo. Madrid, Alianza Editorial, 1976, p. 27.
2. \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 36.
3. \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 39.
4. Apud MORRIS. Sociologia Urbana. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972 p. 16.  
  
Ver Morris, op. cit. p. 60.
5. MORSE, Richard, M. A evolução das cidades latino-americanas. São Paulo, Brasiliense, 1975. Caderno CEBRAP nº 22, p. 6.
6. MARIAS, Julián. A estrutura social; teoria e método. /La estrutura social/ Trad. Diva R. de Toledo Piza. São Paulo, Duas Cidades p. 267.
7. GOITIA, Fernando. Op. cit. in (1), p. 10.
8. FREIRE, Gilberto. A casa brasileira. Rio de Janeiro, Grifo Edições, 1971, p. 55.

## DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

A pesquisa pretende levantar a evolução histórico-urbana do Pelourinho, colocando-o dentro de uma abordagem mais ampla ou seja integrando-o a paisagem urbana de Salvador.

De acordo com a divisão estabelecida pela Fundação do Patrimônio, o Pelourinho ficou dividido em área norte e sul, sendo que, o marco central, ficaria no Largo do Pelourinho.

A área sul abrange as ruas que se seguem, desde o Largo do Pelourinho até a Rua Mont'Alverne.

No entanto, uma ressalva deverá ser feita quanto a essa delimitação. A área sul para esse estudo compreende rã somente as ruas do Largo do Pelourinho e Maciel, num total de 9 que são: Largo do Pelourinho, Maciel de Cima, Maciel de Baixo, Açouguinho, Frei Vicente, Beco do Mota, Larangeiras, Santa Isabel, Ordem 3a. de S. Francisco.

Na área norte encontram-se as ruas do Carmo, Direita de Santo Antonio, Perdões, Adobes, Ossos, Padre Agostinho Gomes, ladeiras do Carmo, do Passo, Baluarte e Boqueirão, os largos dos 15 Mistérios e de Santo Antonio.

Estabelecido o espaço onde se vai estudar, resta-nos o que será estudado. Serão vistos os imóveis dessas áreas, em dupla análise. Uma análise do interior das casas e sobrados, estudo esse que será feito a base de uma amostragem e, um estudo do exterior, englobando as fachadas, os arruamentos e os serviços públicos.

Quanto ao tempo, uma centúria será estudada, abarcando desde 1840 a 1940. Essa fase não foi escolhida de maneira aleatória, mas a experiência nos tem demonstrado que, nesse período, há uma certa continuidade documental



que possibilita um levantamento de dados mais seguro e mais rico em informações. Um outro problema é o estado de conservação de grande parte da documentação, em especial a do século XVIII e início do século XIX, cujo manuseio se torna difícil, pelo estado de deterioração em que se encontram devido a ação do tempo e/ou de outros agentes.

A fase da coleta de dados compreenderá duas etapas: a que diz respeito às fontes manuscritas ou impressas, de caráter primário e a segunda, o levantamento bibliográfico, pesquisa em jornais, almanaques, cadastros comerciais, etc., as quais foram numa primeira tomada, sujeitas a alterações no decorrer da pesquisa, assim discriminadas, bem como os respectivos arquivos onde se encontram:

#### 1. ARQUIVO MUNICIPAL DO SALVADOR

Arrematação e contrato de obras	1720-1875
Atas da Câmara	1625-1892
Atas do Conselho Municipal	1892-1930
Circulares da Câmara	1685-1912
Obras-Contrato	1893-1905
Obras-Embargo	1795-1817
Ofício do Governo	1712-1910
Posturas-registro	1893-1929
Posturas	1650-1847
Portarias do Senado	1895-1911
Registro de alambiques, botequins e vendas	1811-1815
Registro de Avisos da Intendência	1913-1914
Registro de Portarias e Editais da Câmara	1878-1883
Relatório sobre estudos do abastecimento d'Água	1905-1906
Visitas e exames nas boticas	1761-1827
Licenças	1830-1862
Licenças de Posturas	1877-1878

Licenças de empregadores	1874-1875
Marca de ensaiadores	1725-1766
Marca de ourives	1824-1845
Oficiais mecânicos	1765-1820
Termo de alinhamentos e vistorias	1724-1885

## 2. ARQUIVO DO DEPARTAMENTO DE TRIBUTOS IMOBILIÁRIO

Livros da Freguesia da Sé	1893-1941
" " " de Stº Antonio	1893-1941

## 3. ARQUIVO DO ESTADO DA BAHIA

### Seção Judiciária

Inventários e Testamentos

Livro de notas de escrituras

" " inscrição especial

" " Transcrições de imóveis

" " Registro de Hipotecas

Oficinas de Impressão

Casas de Negócio

## 4. INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA

Para o levantamento cartográfico e fotográfico e pictórico e a pesquisa em jornais será utilizado o material aí existente.

### RELAÇÃO DE PERIÓDICOS

#### 1. ARQUIVO DO ESTADO DA BAHIA

##### Diário da Bahia

1857 (jul.)- 1859 (fev.)- 1860- 61- 62- 63- 64- 66  
 67- 68- 69- 75 (nov.)- 78- 79- 80- 83 (dez.) - 84  
 (out.)- 88 (mai.)- 91 (restauro)- 92- 93 (jul./dez.)  
 94- 97- 98- 99- 1901- 1902- 03- 04- 05- 07- 10- 13  
 14- 16- 18- 19- 20- 1821- 22- 23- 24- 25- 26- 27 -  
 28- 29- 30- 31- 1932 (fev./jul.) (out./dez.) 1933.

Diário de Notícias - 1872 (março)- 1888- 1919- 1926.

Gazeta Comercial - 1836- 1838- 1839- 1841.

Gazeta da Bahia - 1830- 1832- 1887- 1888.

Guaiacuru - 1853- 1854.

Imparcial - 1818- 1819- 1920- 1921- 1922- 1923-  
1924- 1925- 1926- 27- 28- 29- 30- 31-  
32- 33- 34- 35- 36- 37- 38- 39- 40- 41  
42- 43- 34- 45- 46- 47.

Jornal da Bahia - 1857- 59- 67- 70- 71- 74- 76- 77  
78.

Jornal de Notícias - 1888- 1895- 1899- 1900- 1910-  
1911- 1912- 1914- 19-5- 1916-  
17- 18- 19- 20- 21.

Mercantil - 1845- 1851- 1852.

Regenerador - 1864.

República Federal - 1889.

A TARDE - 1916- 17- 18.

Alabama - jan. 1877 e ab. 1878.

Santelmo - 1880.

Século - 1853.

Tempo - 1918- 19.

Bahia - 1896- 97- 99- 1900- 1902- 03- 05- 06- 07-  
08- 09- 10- 1911.

Cidade - 1916 (dez.)- 17.

Correio de Notícias - 1894- 95- 96- 97- 98- 99- 1900.

Correio Mercantil - 1848.

Democrata - 1916- 17- 18- 19- 20- 21- 22- 23 (jan-  
jun.)- 1924 (jul-dez)- 1925 (jan-jun /  
jul-dez)- 26- 27.

## 2. INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA

1- Mercantil - 1848.

2- A Tolerancia - 1850 (fev./jun.).

3- Diário da Bahia

1857 (set-dez) 58- (jan-ab) (mai-ag) 1859 (jan/  
jun)- (jan/jun)- 1860 (jan-fev-mar-ab-set-nov)-  
1861 (mai-ag/set-dez)- 1862 (A.T)- 1863 (jan-ag)-  
1864 (jan-ab) 1865 (mai-dez)- 1866 (A.T)- 1867  
(A.T)- 1868 (jan-ag)- 1869 (jan-ab)- 1873 (fev-  
ab/set-dez)- 1874 (ag-dez) (jan-ab) (set - dez)-  
1876 (set-dez)- 1877 (A.T)- 1878 (jan-jun / set-  
dez)- 1878 (jul/dez) 1879 (A.T)- 1880 (jan-ab)  
1881 (set-dez)- 1882 (jan-out)- 1883 (A.T)- 1884  
(A.T)- 1885 (A.T)- 1886 (A.T)- 1887 (A.T)- 1888  
(A.T)- 1889 (A.T)- 1890 (A.T)- 1891 (A.T)- 1892  
(A.T)- 1893 (A.T)- 1894 (mai-dez)- 1895 (A.T) -  
1896 (A.T)- 1897 (A.T)- 1898 (jan-ag)- 1899 (jan-  
ag)- 1901 (A.T)- 1902 (A.T)- 1903 (A.T)- 1904  
(A.T)- 1905 (A.T)- 1906 (A.T)- 1908 (A.T)- 1909  
(jan-jun)- 1910 (jan-mai)- 1911 (jan-jun)- 1912  
(A.T)- 1913 (A.T)- 1914 (A.T)- 15 (A.T)-16 (A.T)  
17 (A.T)- 18 (A.T)- 19 (A.T)- 21 (set-dez)- 22  
(A.T)- 23 (A.T)- 24 (A.T)- 25 (A.T)- 26 (A.T) -  
30 (jan)- 40 (nov-dez)- 41 (jan-jun)- 1942 (A.T).  
(Em outro fichário continua): 1952 (A.T)- 1953  
(A.T)- 1954 (A.T)- 1955 (A.T)- 56 (A.T)- 57 (A.T).

- 4- O Óculo Mágico - 1866 (mai/dez)- 1867 (A.T)- 68 (A.T).
- 5- Jornal da Bahia - 1876 (jun/dez).
- 6- Correio da BAHIA - 1877 (jun/dez).
- 7- O Monitor - 1878 (jan/mai).
- 8- Telégrafo - 1879 (mar/jun).
- 9- A República Federal - 1888 (jul/dez)- 1889 (jan-nov)- 1890 (jul-set).
- 10- GAZETA de NOTÍCIAS - 1894 (mar-dez)- 1895 (mar-out).
- 11- Monitor Católico - 1892 (set).
- 12- Pequeno Jornal - 1890 (mar-dez)- 1892\ (jan-jun).
- 13- Correio de Notícias - 1892 (ab-dez)- 1894 (set-dez)- 1895 (jul-dez)- 1896 (jan-jun) 1900 (jul-dez).
- 14- A Bahia - 1896 (out-dez)- 1897- 1905 (jul-set) 1907- 1908 (jan-jun)- 1909- 1910- 1911.
- 15- O Republicano - 1897 (jun-nov).
- 16- O Norte - 1906- 1907 (jan-mar).
- 17- Gazeta do Povo - 1907 (ab-ag)- 1909- 1910- 1911 (mar-set)- 1912- 1913.
- 18- Diário da Tarde - 1910 (jun-dez)- 1911 (jan-mai).

- 19- A NOITE - 1925 (jul-dez)- 26- 27 (jul-dez).
- 20- O Estado - 1913- 1914- 1915.
- 21- O Jornal - 1929 (set-dez)- 30- 31.
- 22- A TARDE  
 1913 (jun-dez)- 1914- 15- 16- 17- 18- 20- 21-  
 22- 23- 25- 26 (jan-set)- 27- 28- 29- 30- 31-  
 32- 33- 34- 35- 36- 37 (jan-set)- 38- 39- 40-  
 41- 42- 43- 44- 45- 46- 47- 48- 49- 50- 51- 52-  
 53- 54- 55- 56- 57- 58- 59- 60- 61- 62- 63- 64-  
 65- 66- 67- 68- 69- 70- 71- 72- 73- 74.
- 23- Estado da Bahia  
 1933- 34- 35- 36- 37- 38- 39 (jan-set)- 40- 41-  
 42- 43- 44- 45- 46- 47- 48- 49- 50- 51- 52- 53-  
 54- 55- 56- 57- 58- 59- 60- 61- 62- 63- 64- 65-  
 66- 67- 68- 69.
- 24- Noite Ilustrada - 1938.
- 25- Jornal da Bahia - 1958- 59- 60- 62- 63- 64- 65-  
 66- 67- 68- 69- 70- 71- 72-  
 73- 74- 75.
- 26- Tribuna da Bahia - 1969- 70- 71- 72- 73- 74.
- 27- Diário de Notícias  
 1879- 1949- 1950- 1951- 52- 53- 54- 55- 56- 57-  
 58- 59- 60- 61- 62- 63- 64- 65- 66- 67- 68- 69-  
 70- 71- 72- 73- 74.
- 28- Jornal de Notícias  
 1880 (ab/dez)- 1881 (A.T)- 1882 (A.T)- 83 (A.T)-

84 (A.T)- 85 (A.T)- 86 (jan/jun)- 87 (jan/dez)-  
 88 (jul/dez)- 89 (jul/dez)- 90 (A.T)- 91 (A.T)-  
 92 (A.T)- 94 (A.T)- 95- 96- 97- 98- 99- 1900 -  
 1901- 1902 (jul/dez)- 1903-04- 1905- 1906- 1907-  
 1908- 1909- 1910- 1911- 1912- 1913- 1914- 1915-  
 1916- 1917- 1918- 1919 (jan/ab).

29- O Faisca - 1885 (out/dez)- 1886 (A.T)- 1887 (jan/  
 mar).

5. CEAB
6. TEMPOSTAL
7. ARQUIVO DO IPHAN
  - Pasta de contrato de obras
  - Pasta de ofícios expedidos e recebidos
8. ARQUIVO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
9. BIBLIOTEDA DA F.P.A.C. DA BAHIA
10. BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA
11. BIBLIOTECA DO MUSEU DE ARTE SACRA
12. BIBLIOTECA DA FACULDADE DE ARQUITETURA
13. BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO
14. BIBLIOTECA DO MUSEU DA CIDADE
15. BIBLIOTECA DO ARQUIVO DO ESTADO

## INDICADOR PARA A PESQUISA EM JORNAIS

NOTÍCIAS:

SOCIAIS: batizados, casamentos, missás, primeiras comunhões, novenas, enterros e falecimentos, nascimentos, aniversários, formaturas, festas de rua, etc.

POLICIAIS: infrações de posturas, desacatos, brigas, roubos, fugas de escravos, sevícias, defloramentos, assassínios, suicídios, acidentes, etc.

COMERCIAIS: (venda, compra, troca) bens imóveis - residencial, comercial, residencial-comercial; bens móveis - utensílios domésticos, mobílias, instrumentos musicais, confecções, tecidos, secos e molhados, jóias, animais, escravos, produtos farmacêuticos, etc.

SERVIÇOS: amas de leite, lavadeiras, cozinheiras, engomadeiras, doceiras, vendedoras ambulantes, aguadeiros.

PROFISSIONAIS: médicos, advogados, dentistas, professores, etc.

ADMINISTRATIVAS: iluminação, limpeza pública, posturas relativas a calçamento, abertura de valas, levantamento de muros, fachadas, cobrança de impostos, décimas, etc.

POLÍTICAS: eleições, etc.

DIVERSAS: perdidos e achados, etc.



## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Parte de um projeto mais amplo - Plano Global do Pelourinho - o presente trabalho há de se desenvolver nos limites previstos e orientado para a conclusão global, integrada aos demais.

Em se tratando de pesquisa de cunho histórico-social, a atenção do pesquisador estará fundamentalmente voltada para as fontes documentais donde se poderá recolher o conteúdo de informações necessárias à compreensão do processo evolutivo da área.

Duas perspectivas orientarão a coleta de dados. Uma voltada para a população em si, onde serão observados os núcleos familiares através de certo número significativo de unidades residenciais.

Serão selecionadas em cada zona, com a participação de um ou dois arquitetos da Coordenação de Conservação e Restauração (C.C.R.), segundo os critérios de localização, antiguidade, material utilizado, disposição funcional primitiva e alterações subsequentes. Procurar-se-á estabelecer a categoria social dos que o habitaram, sempre contrapondo edificações da mesma rua, isto é, confrontando-as entre casas térreas e sobrados. Para tanto, importa também recorrer com parcimônia ao levantamento de cadeias sucessórias.

Os imóveis comerciais estarão incluídos nessa etapa, segundo o modo de ocupação, o tipo de atividade desenvolvida, a localização, etc.

Por fim, a distribuição e implantação geográfica das categorias sócio-profissionais na área.

A seleção dos imóveis se impõe além do tempo restrito para a pesquisa, pela necessidade interna do trabalho

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Parte de um projeto mais amplo - Plano Global do Pelourinho - o presente trabalho há de se desenvolver nos limites previstos e orientado para a conclusão global, integrada aos demais.

Em se tratando de pesquisa de cunho histórico-social, a atenção do pesquisador estará fundamentalmente voltada para as fontes documentais donde se poderá recolher o conteúdo de informações necessárias à compreensão do processo evolutivo da área.

Duas perspectivas orientarão a coleta de dados. Uma voltada para a população em si, onde serão observados os núcleos familiares através de certo número significativo de unidades residenciais.

Serão selecionadas em cada zona, com a participação de um ou dois arquitetos da Coordenação de Conservação e Restauração (C.C.R.), segundo os critérios de localização, antiguidade, material utilizado, disposição funcional primitiva e alterações subsequentes. Procurar-se-á estabelecer a categoria social dos que o habitaram, sempre contrapondo edificações da mesma rua, isto é, confrontando-as entre casas térreas e sobrados. Para tanto, importa também recorrer com parcimônia ao levantamento de cadeias sucessórias.

Os imóveis comerciais estarão incluídos nessa etapa, segundo o modo de ocupação, o tipo de atividade desenvolvida, a localização, etc.

Por fim, a distribuição e implantação geográfica das categorias sócio-profissionais na área.

A seleção dos imóveis se impõe além do tempo restrito para a pesquisa, pela necessidade interna do trabalho

conforme observa Marcel Couturier: "l'historien de la société n'a pas tous les objectifs du démographe; la précision extrême des chiffres lui est rarement nécessaire et il la cherchera seulement en des cas douteux, pour assurer la sécurité de l'interprétation... les indications de base indispensable à la connaissance des structures sociales".<sup>1</sup>

Os dados serão anotados em folhas padronizadas conforme anexos.

A outra perspectiva voltar-se-á para as informações concernentes aos imóveis em suas fachadas e a política urbanística normativa e executiva. A ênfase da pesquisa incidirá principalmente sobre as posturas e a legislação afim, segundo a referência das fontes.

Uma vez efetuado o levantamento das informações, caberá o trabalho de análise para a elaboração do relatório final.

---

1. COUTURIER, Marcel. Recherches sur les structures sociales de Châteaudun 1527-1789. Paris, SEUPEN. 1969, p. 85.





HISTÓRICO DE IMÓVEIS

1. Localização do imóvel

1.2. Logradouro

- A) Nomenclatura atual
- B) Nomenclatura original
- C) Nomenclaturas outras

1.3. Imóvel - Denominação

- A) Numeração atual
- B) Numeração original
- C) Outras numerações

2. Cadeia Sucessória

2.1. Nome do proprietário

Período de posse

Transferência

1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		
8.		
9.	/	
10.		
11.		
12.		

HISTÓRICO DE IMÓVEIS

(Ficha B 1)

2.2. Dados Pessoais dos Proprietários

Nome \_\_\_\_\_ Nascimento \_\_\_\_\_ Nacionalidade \_\_\_\_\_

Natural \_\_\_\_\_ Religião \_\_\_\_\_ Batismo \_\_\_\_\_

Filiação \_\_\_\_\_

Estado civil \_\_\_\_\_ Nome da esposa \_\_\_\_\_

Filhos

Nome \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ Nascimento: \_\_\_\_\_ Obs. \_\_\_\_\_

Ocupação principal \_\_\_\_\_ Outras \_\_\_\_\_

Irmandades a quem pertencia

Jóia paga

Cargos

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Observação: \_\_\_\_\_

Falecimento: local \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ Hora: \_\_\_\_\_ Causa mortis \_\_\_\_\_

Local do Sepultamento Instruções para o funeral Despesas e sufrágios

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Bens. Imóveis (rua, nº e valor) Imóveis rurais (local, especificação e valor)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Observação: \_\_\_\_\_

Testamento Inventário Referência documental

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



3. Dados físicos do imóvel                      Logradouro \_\_\_\_\_ Nº atual \_\_\_\_\_

3.1. Construção

Início                      Término                      Mestre de obra                      Material Utilizado

\_\_\_\_\_

3.2. Descrição mais antiga

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Outras descrições

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3.2.1. Fonte(s) \_\_\_\_\_

3.3. Modificações sofridas na fachada

Ord.	Período	Tipo da Intervenção

3.2.1. Descrições das Intervenções \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3.3.2. Fonte(s) \_\_\_\_\_

3.4. Modificações internas

Ord.	Período	Tipo de Intervenção
1a.		
2a.		
3a.		

3.4.1. Descrição das Intervenções \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3.4.3. Fonte(s) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PELOURINHO - SALVADOR-BA.

PESQUISA EM JORNAIS - SALVADOR-BA.

PERÍODO: \_\_\_\_\_

LOCAL DA PESQUISA: \_\_\_\_\_

JORNAL: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_ PÁGINA: \_\_\_\_\_ CADERNO: \_\_\_\_\_

TIPOS DE NOTÍCIAS (editorial, entrevista, artigo, Notas  
(policiais, anúncios, comerciais, fú-  
nebres), etc.)

LOGRADOURO: \_\_\_\_\_

ASSUNTO: \_\_\_\_\_

RESUMO:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMANAK administrativo, indicador, noticioso, comercial e literário do Estado da Bahia para 1903 sexto anno, organizado por Antonio Alexandre Borges dos Reis. Bahia, Reis & Comp.
- ALMANAK do Estado da Bahia para 1898. Bahia, Wilcke, Picard & C.
- AZEVEDO, Thales de. Povoamento da Cidade do Salvador. Salvador, Itapuã, 1969, 414 p.
- BAHIA, Secretaria de Educação e Cultura. Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural. Documentos. Salvador, 1974, não paginado - Colaboração ao I Seminário de Estudos sobre o Nordeste.
- COUTURIER, Marcel. Rechercher sur les structure sociales de Châteaudun 1527-1789. Paris, S.E.V.P.E.N, 1969. Ecole Pratique des Hautes Etudes - VIa. Section Centre de Recherches Historiques - Demographie et Societes.
- ESPINHEIRA, Carlos G. d'Andrea. Comunidade do Maciel. Salvador, FPACBa./SEC., 1971, 50 p. il.
- FREYRE, Gilberto. A casa brasileira. Rio de Janeiro, Grifo Edições, 1971, 100 p. (Enciclopédia da Vida Brasileira).
- GOITIA, Fernando Chueca. Breve história del urbanismo. Madrid, Alianza Editorial, 1976.
- HARDOY, J. & SCHAEDEL, R. Las ciudades de America Latina y sus áreas de influencia a través de la historia.

Ediciones Seap. s/ol, 448 p.

- MARIAS, Júlian. A estrutura social; teoria e método La estrutura Social . Trad. Diva R. de Toledo Piza. S. Paulo, Duas cidades, s/d., 293 p.
- MORSE, Richard M. A evolução das cidades latino-americanas. S. Paulo, Brasiliense, 1975 (Caderno CEBRAP nº 22).
- REIS, Filho, Nestor Goulart. Evolução urbana do Brasil. S. Paulo, Pioneira, 1968, 188 p. il.
- RUY, Afonso. História política e administrativa da cidade do Salvador. Bahia, Beneditina, 1949, 664 p. (Evolução Histórica da Cidade do Salvador, 1) 664 p. ils.
- SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia. Belo Horizonte, Instituto de Psicologia da Universidade Católica de Minas Gerais, 1971, 442 p.
- SAMPAIO, Theodoro. História da fundação da cidade do Salvador. Bahia, Beneditina, 1949, 295 p. il.
- SANTOS, Milton. O centro da cidade do Salvador; estudo de geografia urbana. Salvador, Progresso, 1959, 192 p. il. (Coleção de estudos Brasileiros).
- SILVA, Alberto. A cidade D'El Rei; aspectos seculares. Salvador, Diretoria do Arquivo, Divulgação e Estatística da Prefeitura Municipal, 1953, 203 p. il.
- SMITH, Robert. Arquitetura colonial. Salvador, Progresso, 1955, 74 p. il. (As artes na Bahia).
- SOUZA, Gabriel Soares de. Notícia do Brasil. São Paulo, MEC, 1974, 489 p.

VILHENA, Luis dos Santos. A Bahia no século XVIII. Notas e comentários de Braz do Amaral. Salvador; Itapua, 1969, v.1.

TEMPO ETAPAS	M E S E S																			
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGO
PLANEJAMENTO	///	///																		
LEVANTAMENTO DE DADOS			///	///	///	///	///	///	///	///	///	///								
ANÁLISE								///	///	///	///	///	///	///						
RELATÓRIO FINAL															///	///	///			

## EVOLUÇÃO HISTÓRICO-URBANA DO PELOURINHO

QUADRO RESUMO DE DESPESAS

ESPECIFICAÇÃO	VALOR (1.000,00)
Pessoal	594
Material	100
TOTAL	694



## EVOLUÇÃO HISTÓRICO-URBANA DO PELOURINHO

RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS

Técnico N.U. - Historiador - 2		
(10.000,00 X 18 meses)	=	360.000,00
Auxiliar Técnico - 6		
(3.000,00 X 10 meses)	=	180.000,00
Datilógrafo - 1		
(3.000,00 X 18 meses)	=	54.000,00
TOTAL .....	=	594.000,00

## EVOLUÇÃO HISTÓRICO-URBANA DO PELOURINHO

RECURSOS MATERIAISMATERIAL DE CONSUMO

20 cx.	Papel Stencil	960,00
5 cent.	Papel centimetrado	85,00
10 blocos	Papel milimetrado	300,00
20 cx.	Hidrocor	800,00
50 rol.	Fita Durex (19X65)	750,00
8 unid.	Réguas (50 cm)	40,00
30 tub.	Porta mapas	1.800,00
250 unid.	Pastas Suspensas	1.250,00
100 milh.	Papel ofício (24 kg)	5.400,00
50 milh.	Papel cópia	2.050,00
80 rol.	Papel vegetal (diversos)	28.800,00
10 unid.	Lapizeiras	300,00
20 unid.	Fitas p/ Máq. Olivetti	900,00
15 cx.	Clips	60,00
10 cx.	Grampos	70,00
100 unid.	Caneta Esferográfica azul	200,00
100 unid.	Caneta Esferográfica preta	200,00
50 unid.	Borracha p/ tinta	100,00
70 unid.	Lápis borracha	490,00
100 unid.	Lápis	100,00
150 fls.	Letraset	7.500,00
200 cent.	Fichas pautadas	4.600,00
42 fls.	Letratone	3.400,00
500 fls.	Cartolina	1.000,00
100 unid.	Filmes fotográficos	4.000,00

	Revelações, ampliações, Cópias Xerox	8.725,00
T O T A L . . . . .		73.880,00

MATERIAL PERMANENTE

3 unid.	Arquivo de aço	7.500,00
2 unid.	Fichário de aço	3.000,00
2 unid.	Mesa p/ escritório	6.000,00
2 unid.	Cadeira Giroflex	3.000,00
1 unid.	Armário de aço	2.600,00
10 unid.	Cadeira comum	2.500,00
4 unid.	Compasso	120,00
4 unid.	Esquadro Archimedes	800,00
2 unid.	Régua "T"	400,00
5 unid.	Estilete	200,00
T O T A L . . . . .		26.120,00

## PARECER SOBRE A VIABILIDADE

Em princípio julgamos viável o projeto, na medida em que reconhecemos a existência do acervo a ser pesquisado e de sua pertinência com os objetivos. A título de amostragem já dispõe a Fundação de um relativo número de imóveis levantados (cadeias sucessórias), bem assim de dados recolhidos nos jornais de Salvador pelo espaço de uma década (1858-1868).

Para que o projeto, ora apresentado, tenha sua realização assegurada dentro do cronograma previsto são necessários alguns requisitos tais como:

- \* a pesquisa histórica deverá ser encarado como possuídora de uma consistência própria. A busca, leitura e análise do documento requerem atenção paciente e persistência. O fator tempo é imprescindível à realização de um trabalho historiográfico. A possível defasagem entre a tarefa e o tempo disponível deverá ser compensada através de uma reavaliação periódica dos aspectos a serem pesquisados.
- \* a formação de uma equipe de trabalho com horário mais ou menos fixo, composta de técnicos e estagiários em sintonia com o projeto.
- \* material tecnicamente simplificado para a coleta de dados como: reprodução em série dos anexos, fichas pautadas, etc.
- \* pastas para catalogação dos documentos, canetas esferográficas, lápis borracha, blocos de rascunhos, clips, papel ofício, stencil, disponibilidade datilográfica, etc.

Com o preenchimento de tais necessidades, nos prazos de 6 e 12 meses serão apresentados relatórios parciais do desenvolvimento do trabalho. Ao final da pesquisa, no prazo estabelecido, será apresentado o relatório final.